

QUATRO ANOS DE CONFLITOS NA INVASÃO

A história de conflitos na Estrutural já dura cerca de quatro anos. Até o final da campanha eleitoral de 1994, poucas famílias de catadores de lixo ficavam agrupados em volta do Aterro Sanitário de Brasília. A partir daí, naquela terra esquecida, em pouco tempo formou-se a maior e mais conflituosa invasão do Distrito Federal.

Noventa famílias moravam no Lixão em 1991. Três anos depois, o número passara para 528 famílias de catadores de lixo. No ano seguinte, com a chegada dos novos invasores, mais de mil barracos indicavam que a população havia dobrado em doze meses.

A nova vizinhança montou os barracos longe do lixo e perto da pista. Os líderes dos invasores, Marlene Cavalcante Mendes e o companheiro João Joaquim Batista, fundaram a Asmoe, Associação de Moradores da Estrutural.

Por quatro anos, os moradores

ligados à Asmoe fizeram um pouco de tudo. Agrediram funcionários públicos, quebraram o escritório local do Idhab e incendiaram o posto policial. Também botaram a polícia para correr a pedradas. Vez por outra, fechavam a pista da Estrutural — EPCL — para protestos iluminados por pneus em chamas.

No dia 8 agosto de 1997, uma pesada operação policial — com cães, cavalo, helicóptero e bombas de efeito moral — mostrou que mudaria o tratamento dispensado pelo governo aos invasores, ainda que isto desgastasse o slogan “popular e democrático”. A partir daquela data, a área passou a ser administrada pela Polícia Militar.

Mas o desgaste da Asmoe começou bem antes da guerra campal. Foi em 1995, quando o governo de Cristovam Buarque manteve o veto de criação da Cidade Estrutural, projeto do deputado distrital José Edmar (PMDB). Ontem, os chamados invasores conseguiram o que queriam, por meio da criação da Vila Operária, que destina vinte por cento do Setor Complementar de Indústria e Abastecimento ao assentamento da população.